

SIMPÓSIO AT209

Sobre o que se finge não ver: Representações da “indiferença social” na Literatura Infantil/Juvenil Contemporânea

ARALDO, Adriana Falcato Almeida
Mestre em Letras /USP
adriaraldo@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar possibilidades de diálogo entre as narrativas dos autores contemporâneos: *Corda Bamba* da escritora Lygia Bojunga, por meio da personagem Velha da História e *Os Invisíveis*, de Tino Freitas, obras destinadas ao público jovem, destacando-se os fatores simbólicos e a maneira como esses elementos dispõem-se em diálogo nas narrativas, como reveladores de um “descaso social”.

As narrativas serão analisadas como intercâmbio de imagens, buscando-se evidenciar novos sentidos produzidos a partir do processo dialógico que instauram. Imagens que levantam questionamentos sobre a lógica que organiza a sociedade e que contribuem para demonstrar a importância da arte literária para o público jovem na reavaliação de conceitos, na forma de pensar o mundo e no modo de apreensão da realidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil/Juvenil; dialogismo; ideologia; imagens.

ABSTRACT

This study aims to present possibilities of dialogue between the contemporary authors' narratives *Corda Bamba* by the writer Lygia Bojunga, through the character Velha da História and *Os Invisíveis* by Tino Freitas. These narratives destined to young people will emphasize symbolic factors and the manner how these elements are arranged in dialogue in the narratives, as developers of a “social indifference”.

The narratives will be analysed as an exchange of images, seeking to evidence new meanings from the dialogical process. Images that question the logic of the reality and contribute to demonstrate the importance of the Children's Literature/Youth in the revaluation of concepts, in the way of thinking the world and in the manner of apprehending the reality.

Keywords: Children's Literature/Youth; dialogism; ideology; images.

Corda Bamba

Aos 10 anos, Maria experimenta a solidão após presenciar a morte brutal dos pais num espetáculo circense. Órfã, Maria necessita deixar o circo e morar com a avó. Sobreviver, a partir de então, significa equilibrar-se. Maria é a menina que vive na corda bamba, tendo de um lado o sonho, de outro, a dura realidade e abaixo de si, o abismo. E é sobre a corda, semelhante a um objeto mágico, que Maria vai aprendendo a lidar com as adversidades da vida, superando medos, traumas, tristezas, encontrando o equilíbrio necessário para seguir adiante. Em seus sonhos, Maria caminha sobre a corda e atravessa um corredor com várias portas. Nessa travessia, uma a uma, as portas vão se abrindo dando passagem ao processo de autoconhecimento e reconstrução de sua própria história. Dentre as várias imagens que podem ser vasculhadas nos sonhos, a Velha da História constitui-se como imagem fundamental na representação do pensamento de Lygia Bojunga.

A personagem Velha da História

No capítulo “O presente de aniversário”, caminhando pelo corredor dos sonhos, Maria aproxima-se de uma porta, que estava apenas encostada e a empurra, delicadamente, para abri-la, avistando, em seguida, uma sala preparada para uma festa de aniversário; mas para “só duas pessoas na festa: a Menina e Dona Maria Cecília Mendonça de Melo” (BOJUNGA, 2011, p.103).

Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo, Maria fica intrigada com o presente de aniversário que a avó lhe oferece:

Dona Maria Cecília Mendonça de Melo começou a rir do espanto da neta. Maria rodeou a mesa pra poder ver o presente: de onde estava só dava pra ver a cara da Menina: testa franzida, boca meio aberta. O presente era uma velha. Mas não era de acrílico nem de borracha, era uma velha de carne e osso. (BOJUNGA, 2011, p. 108-109)

A passagem permite ao leitor entrar em contato com algumas incoerências: na mesa de aniversário, compridíssima, para duas pessoas, os bonecos de Maria ocupam cadeiras *brincando* de ser gente. Por outro lado, o

seu novo presente, dentro de uma caixa enorme, é uma senhora “real”, um ser humano, que assume o papel de *brinquedo*, de uma boneca velha e contadora de histórias. Um presente um tanto incomum: a Velha da História.

Tal imagem ganha força literária e desacomoda o leitor, pelo seu caráter surpreendente e pouco usual, levando-o a refletir sobre a realidade, cujos sentidos as observações da menina colocam à prova: “Mas, vó, gente se compra?” (BOJUNGA, 2011, p.111). A Velha da História deixa Maria desconcertada fazendo com que ela venha se espantar com a própria realidade.

O estranhamento provocado pode ser melhor compreendido quando se leva em conta o raciocínio questionador, que lança crítica à sociedade. A Velha da História não é apenas a imagem de uma senhora contadora de histórias. Ela é uma representação inabitual que estabelece relações com as vozes silenciadas, aprisionadas, separadas, escondidas *ou desencaixadas*, que guardam histórias da vida real e mal contadas, histórias que servem aos interesses de alguns, que pouco interessam a muitos, e que são levadas ao descaso, esquecidas, assim que chegam ao fim:

- O meu presente morreu.
- Dona Maria Cecília pegou a Menina, quis tapar a cara dela com uma festa:
- Esquece, minha boneca, esquece.
- A comida nunca deu para ela.
- O quê?
- Mas aqui tinha demais: ela morreu.
- Esquece, meu amor.
- Não. Não esqueço, não. (BOJUNGA, 2011, p.122)

A imagem do descaso atinge o ápice com a morte *do presente*: um fato que para a avó parece ser tão corriqueiro quanto o de um brinquedo que deixa de funcionar por falta de pilha ou bateria.

Na obra, a sensação de estranhamento é intencional e desejável, e busca atrair a atenção do jovem leitor para o problema da *indiferença social*, decorrente de um sistema desumano e que desumaniza.

Se, nas histórias tradicionais, são encontrados bonecos que desejam “virar gente de verdade”, a Velha da História chama a atenção dos leitores para o processo inverso que ocorre na sociedade, processo de “coisificação” resultante da força que o capitalismo desprovido de preocupação social exerce

sobre vidas humanas, criando ramificações negativas: disparidade social, inversão de valores, corrupção, miséria, servidão, dentre outros.

E é por meio de uma visão redutora da realidade, num mundo de consumo, em que o novo já nasce velho e pronto para ser substituído, que a avó - que trata a própria neta como boneca: “-Esquece, minha boneca, esquece” (BOJUNGA, 2011, p.122). - interioriza, sem exercício crítico, os valores de uma sociedade materialista e individualista, que entende que o dinheiro pode obter o que quiser e converter seres humanos em objetos, ou mesmo, “*invisibilizá-los*”.

Os Invisíveis

A obra *Os Invisíveis* inicia-se com a marcação de tempo das histórias tradicionais: “**Era uma vez** um menino com um superpoder” (FREITAS, 2013, p.5-6). *Era uma vez* é uma expressão que possibilita encaminhar o leitor para o tempo mágico das histórias, por meio da voz de um narrador, conhecedor dos fatos narrados. Aqui, o narrador conta ao leitor a história de um garoto especial, mas não revela o seu nome, uma vez que, assim, pode-se conceber a representação de qualquer criança.

Em *Os Invisíveis*, o protagonista apresenta o superpoder de enxergar aquilo que os adultos, ao seu redor, não podem ver. Ou seja, uma capacidade extraordinária, um poder que o torna diferente dos demais e que faz dele um super-herói. Um poder que não é comum nem mesmo aos seus familiares: “Em sua família só ele via os invisíveis” (FREITAS, 2013, p.7-8).

Tal poder, no entanto, vem a ser revelado por meio das ilustrações, do tom alaranjado que simula e dá destaque ao foco de visão do garoto, dos traços



leves em grafite, do jogo claro e escuro, os quais contribuem para demonstrar a coesa e plurissignificativa composição entre texto e imagem, possibilitando à imagem revelar o que o texto ameaça dizer.

Figura 1

O texto é narrado com habilidade por um narrador que busca confundir o leitor, brincando de desconstruir imagens, inserindo estranhamento, conferindo à narrativa um tom lúdico com potencial realista e crítico.

O superpoder do protagonista consiste em *enxergar* o que de fato não está oculto, mas que a organização social faz ocultar: o imenso grupo de pessoas que se encontra numa situação desfavorecida na sociedade: mendigos, vigilantes, vendedores ambulantes, dentre outros. Uma organização social que não oferece oportunidades reais a todos e que marginaliza parte da sociedade. Uma sociedade cada vez mais voltada à produção, ao consumo, ao lucro, ao trabalho, que vai perdendo a sensibilidade, perdendo o prazer pelo cotidiano, distanciando-se do outro, esquecendo-se, uns dos outros: “Às vezes, ele tinha a impressão de que também era invisível” (FREITAS, 2013, p.17,18).

O Diálogo

As narrativas dialogam entre si, ao mesmo tempo em que respondem aos temas de sua época. Os 34 anos que as separam, *Corda Bamba* data de 1979 e *Os Invisíveis* de 2013, não impediram o diálogo que reafirma a preocupação com diferenças sociais e descaso com questões da população menos favorecida da sociedade. Questões pertinentes a um mundo ambivalente, num tempo de grandes contradições, abismos sociais, falta de estabilidade, laços enfraquecidos, conceitos relativos, incertezas, oscilação de regras, falta de durabilidade das coisas, consumismo e criação de necessidades, medo; fatores que se intensificam com o passar do tempo e que contribuem para a formação de um sentimento de insegurança, insatisfação e de uma mentalidade individualista em detrimento da social, como reflete Bauman sobre a contemporaneidade:

Nossa posição social, nossos empregos, o valor de mercado de nossas habilidades, nossas parcerias, vizinhanças e redes de amigos em que podemos nos apoiar são todas instáveis e vulneráveis-portos inseguros para ancorar nossa confiança. (BAUMAN, 2008, p.102)

A Literatura Infantil/Juvenil coloca-se como mediadora do diálogo, chamando a atenção do jovem leitor para a parcela da sociedade que é vítima

do descaso, da falta de oportunidades, parcela que não se ‘encaixa’ no grande grupo consumidor e que vai se tornando quase *invisível* aos olhos desse grupo; Grupo *Fora do Jogo*, nas palavras de Bauman:

E encaremos a verdade: mesmo que as novas regras do jogo prometam um aumento na riqueza da nação, também tornam virtualmente inevitável a crescente lacuna entre aqueles que permanecem no jogo e os que são deixados de fora.

Contudo, esse não é o final da história. As pessoas que ficam de fora do jogo também são deixadas sem uma função que possa ser vista como “útil”, muito menos indispensável para o suave e lucrativo funcionamento da economia. Não são necessários como os supostos produtores, são considerados força propulsora da prosperidade econômica (esperamos que a recuperação “guiada pelo consumidor” nos tire dos problemas econômicos), os pobres também são inúteis como consumidores: não serão seduzidos por lisonjas do mercado, não possuem cartões de crédito, não podem contar com cheques nos bancos e as mercadorias que mais precisam trazem pouco ou nenhum lucro para os comerciantes (BAUMAN, 2008, p. 99-100)

As narrativas ressaltam também o olhar da criança dirigido ao elemento que causa estranhamento. Assim, os textos procuram mostrar que o olhar infantil alcança detalhes que o olhar adulto, *já viciado*, não consegue ver. O olhar da criança é o olhar de estrangeiro em busca de novidade, olhar atento que quer desvendar o mundo, que vê além, que quer descobrir e descobrir-se.

O garoto de *Os Invisíveis* é a criança em sua natureza, criança de olhar atento, ainda não envolvida por um sistema que consome tudo, inclusive a *sensibilidade* perante a cruel realidade, segundo Bauman.

O estranhamento, na verdade, é provocado por esse sistema que causa perda de visão social e epidêmica nos adultos, impossibilitando-os de ver o que está claro, diante dos olhos e tão próximo. Mais que um super-herói, tem-se, na verdade, uma sociedade doente.

Um único ato de crueldade tem mais possibilidade de atrair para as ruas uma multidão de manifestantes que as doses monotonamente administradas de humilhação e indignidade a que excluídos, os sem-teto, os degradados são expostos dia após dia. (BAUMAN, 2014, p.56)

A imagem, a seguir, é bem representativa da ideia de que a visão de mundo do sujeito vai moldando-se às lentes sociais, ‘minguando’ aos poucos, à medida que a criança vai crescendo, chegando à vida adulta:



Figura 2

Dessa forma, ambas as narrativas deixam evidente a preocupação com questões importantes da sociedade e procuram depositar no jovem leitor a esperança de cura para a indiferença social, um dos males deste tempo.

Considerações finais

Este estudo objetivou apresentar possíveis diálogos entre as narrativas *Corda Bamba* da escritora Lygia Bojunga e *Os Invisíveis* de Tino Freitas, - com ilustrações de Renato Moriconi – narrativas capazes de provocar discussões sobre a realidade e que, ao deixarem transparecer certa descrença na capacidade sensível do adulto, apostam no poder transformador dos jovens, investindo no discurso que busca despertá-los para o problema da insensibilidade social.

Acredita-se que o estudo comparatista possibilita, por meio do diálogo intertextual, colocar em evidência aspectos importantes de obras que poderiam ser desprezados, caso fossem estudadas isoladamente; podendo-se destacar, neste caso, as diferentes leituras que podem ser realizadas referentes à ideia de descaso social e *imagens de insensibilidade*, bem como novos sentidos que podem emergir a partir da imagem da Velha da História e dos personagens de

Os *Invisíveis* acentuados pela relação dialógica. Imagens que levantam questionamentos sobre a construção e a lógica que organizam a realidade, questionamentos que não são novos, mas que ainda não se encontram esgotados em termos de análises.

Tais elementos contribuem para reforçar a relevância da arte literária na desconstrução de visões de mundo e na reavaliação de conceitos, e fazem com que narrativas voltadas ao público juvenil ao trabalharem temas dessa complexidade, ao mesmo tempo em que possibilitam aos jovens o desenvolvimento do prazer estético, assumem, também, grande importância na forma de pensar e apreender a realidade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5ªed. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4ªed. São Paulo, Hucitec, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

_____. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

BOJUNGA, Lygia. *Corda Bamba*. 24ª ed. Rio de Janeiro, Casa Lygia Bojunga, 2011.

CUNHA, Maria Zilda da. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2009.

FREITAS, Tino. *Os invisíveis*. (ilustrações de Renato Moriconi) Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2013.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Figurativização e imaginário cultural*. UNESP, Araraquara, 2002.

_____. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo, Melhoramentos, 2009.

_____. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

Imagens

Figura 1- Ilustração de Renato Moriconi para o livro *Os Invisíveis*; texto de Tino Freitas.

Figura 2- Ilustração de Renato Moriconi para o livro *Os Invisíveis*; texto de Tino Freitas.